
TRILHANDO CAMINHOS ALTERNATIVOS DE FORMAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO SOLIDÁRIA E COLABORATIVA

TRACKING ALTERNATIVE TRAINING PATHS IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC: AN EXPERIENCE REPORT ON A SOLIDARITY AND COLLABORATIVE EXTENSION ACTION

RECORRIENDO CAMINOS ALTERNATIVOS DE FORMACIÓN EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA DE COVID-19: UN INFORME DE EXPERIENCIA SOBRE UNA ACCIÓN DE EXTENSIÓN SOLIDARIA Y COLABORATIVA

Pablo Matheus da Silva Lopes¹
Dimitri Taurino Guedes²
Kamilla Maria Sousa de Castro³

RESUMO

A crescente interação mediada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) expressa o surgimento de um novo universo, no qual a ideia de limite ou fronteira da comunicação é superada pelos espaços virtuais. No atual contexto de suspensão das atividades presenciais imposta pela pandemia da COVID-19, tal situação foi reforçada, haja vista a possibilidade de continuar estabelecendo vínculos virtuais permanentes entre as pessoas. No cenário da educação brasileira, observamos um setor que foi impelido a reinventar-se para dar continuidade às atividades por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Neste sentido, este relato de experiência objetiva promover uma reflexão crítica acerca da formação discente em modalidade remota, considerando as contribuições de uma ação de extensão desenvolvida em um *Campus* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no município de Santa Cruz/RN, com foco na saúde do trabalhador e na mobilização da economia local no contexto da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Ensino Remoto. Docência. Alternativas Educacionais. Extensão Universitária.

ABSTRACT

Mediated by information and communication technologies (ICTs), a growing interaction expresses the emergence of possibilities, whereas the idea of communication limit or border is overcome by virtual spaces. In the pandemic environment, the suspension of face-to-face activities reinforced this need, also opening a way to the possibility of establishing permanent virtual bonds among people. We therefore understand the Brazilian education sector to have reinvented itself, while continuing with its activities through Emergency Remote (ERE). This report aims to

Submetido em: 03/01/2022 – **Aceito em:** 26/09/2022 – **Publicado em:** 06/10/2022

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



promote a critical reflection on student training in remote education, considering the contributions of an extended action developed at a Campus of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), in Santa Cruz/RN, focusing on worker's health, while also mobilizing the local economy in the pandemic context.

KEYWORDS: Pandemic. Remote Learning. Teaching. Educational Alternatives. University Extension.

RESUMEN

La creciente interacción mediada por las tecnologías de la información y comunicación (TICs) expresa el surgimiento de un nuevo universo, en el cual la idea de límite o frontera de la comunicación es superada por los espacios virtuales. En el actual contexto de suspensión de las actividades presenciales impuesta por la pandemia de COVID-19, esta situación se ha visto reforzada, teniendo en cuenta la posibilidad de seguir estableciendo vínculos virtuales permanentes entre las personas. En el escenario de la educación brasileña, observamos un sector que fue impulsado a reinventarse para dar continuidad a las actividades por medio de la Enseñanza Remota Emergencial (ERE). En este sentido, este relato de experiencia objetiva promover una reflexión crítica acerca de la formación estudiantil en modalidad remota, considerando las contribuciones de una acción de extensión desarrollada en un Campus de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte (UFRN) en el municipio de Santa Cruz/RN, con foco en la salud del trabajador y en la movilización de la economía local en el contexto de la pandemia.

PALABRAS CLAVE: Pandemia. Enseñanza Remota. Docencia. Alternativas Educativas. Extensión Universitaria.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da microinformática nos anos de 1970, e de sua evolução, as relações pessoa-pessoa, pessoa-mundo e pessoa-trabalho vêm sendo marcadas fortemente pelas tecnologias da informação e comunicação (*internet*, computadores, *softwares*, celulares, dentre outras ferramentas), popularizadas como “TICs” no contexto mais atual.

No setor da educação não foi diferente e é inegável o desenvolvimento promovido diante da incorporação digital nos processos pedagógicos (BALDO, 2017; SILVEIRA; LAURINO; NOVELLO, 2018). No entanto, os impactos que não favorecem o trabalho docente e os processos de ensino-aprendizagem não podem ser ignorados. Esses aspectos já estão sendo discutidos pela comunidade acadêmica há algum tempo (JACINSK; FARACO, 2002; ARTUSO, 2008).

Ademais, espera-se que o docente prepare o aluno para a sociedade do agora, isto é, da Era Digital, mas sem perder de vista as possibilidades de transformação de um futuro que nem sequer chegou (SANTANA; SALES, 2020). Para isso, uma postura didática diversificada é demandada ao educador para que possibilite ao educando que suas necessidades sejam atendidas (HESS; ASSIS; VIANA, 2019).

Diante disso, Hess, Assis e Viana (2019) chamam a atenção para uma questão problemática: a formação docente. Durante sua *práxis*, o professor é convidado a incorporar tecnologias digitais educativas, visando tornar o ensino compatível com a realidade em que vivemos. Contudo, os educadores têm se deparado com inúmeras dificuldades de aplicação desses recursos. O cerne da questão, encontra-se na capacitação técnico-científico-informacional deficitária ainda durante a graduação, podendo tornar as experiências pedagógicas não tão promissoras. Ao professor, tão somente, cabe a própria autonomia de ir em busca de uma formação complementar que o prepare para encarar essa realidade.

Ainda, concordamos com os autores referidos anteriormente de que “a tecnologia na área educacional pode favorecer o ensino, o aprender, a simular, a estimular a curiosidade e produção de trabalho com maior qualidade e dinâmica” (p. 120). Porém, para sua inserção é necessário haver domínio e conhecimento sobre as ferramentas, para assim promover um ensino de qualidade e que atenda as reais necessidades dos seus alunos.

Posto isso, podemos seguir para uma análise sanitária, social e, sobretudo, educacional do país, considerando o atual cenário de desafios e tensões, provocado pela pandemia da COVID-19. Tal doença pode ser caracterizada como uma infecção respiratória de fácil transmissibilidade, que, durante o início de sua disseminação, obrigou as pessoas em todo o globo a seguirem comportamentos de higiene, distanciamento e isolamento físico rigorosos devido à ausência de tratamento e vacinas.

A medida de distanciamento físico entre as pessoas impossibilitou o funcionamento de estabelecimentos de forma presencial, exigindo novas práticas de convívio e trabalho. Com as escolas e universidades não foi diferente e, diante disso, a comunidade acadêmica viu-se obrigada a encontrar a nova escola e o novo ambiente (virtual) de trabalho no espaço privado do lar.

Todavia, esse movimento emergencial de migração implicou hábitos de adaptação às novas condições e rotinas também de maneira imediata - uma tarefa difícil se considerarmos a ausência de um planejamento prévio para implementação dessas novas modalidades de trabalho e educação, suscitando estratégias urgentes de garantia desses vínculos.

Nesse sentido, temos diante da suspensão das atividades presenciais no contexto da educação básica e superior, uma interação professor-aluno constituída por meio de ciberespaços⁴

⁴ Segundo Bergmann (2007), os ciberespaços podem ser compreendidos como uma rede de comunicação constituída pela interconexão de pessoas em ambientes virtuais, rompendo, desse modo, com as regras reais de

compreendidos como fontes inovadoras aplicadas à educação, em comparação às perspectivas pedagógicas mais tradicionais produzidas no presencial. No entanto, seria o uso de tecnologias digitais um marcador determinante para a produção da inovação educacional?

Uma falácia talvez se suspeitarmos de uma modalidade de ensino que, mesmo anterior a pandemia, já foi questionada sobre sua qualidade (NASCIMENTO; CARNIELLI, 2007). Ainda mais, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi uma imposição contextual, o que nos provoca ainda mais dúvidas. Sobre isso, afirmam Santana e Sales (2020) que o reflexo já é de prejuízos para a formação dos educandos matriculados em escolas e universidades de todo o país.

Não podemos esquecer também que, junto ao ensino, as ações de extensão e pesquisa formam um tripé, que assenta na formação do ensino superior. Para Chesani e colaboradores (2017, p. 453), a indissociabilidade dessa tridimensionalidade viabiliza um “fazer universitário autônomo, competente e ético” dentro e fora de seus muros, em diálogo com a sociedade.

No contexto da pandemia, o relacionamento preexistente entre a universidade e a sociedade brasileira foi amplificado e transformado por meio de um fazer mais criativo junto com a população em meio ao surto da COVID-19. Nesse sentido, não só a produção de insumos, mais também a sistematização e democratização de conhecimentos foram cruciais para a resistência e o combate às crises sanitária, social, econômica e política.

É nessa perspectiva de construção de uma rede de apoio aos problemas da sociedade nesse cenário pandêmico, que esse relato de experiência buscou construir caminhos e possibilidades a partir de uma ação de extensão de um *Campus* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no município de Santa Cruz/RN. Intitulado “Saúde do trabalhador em tempos de COVID-19: Educação Popular e Rede colaborativa para Economia Local”, a ação buscou problematizar questões relativas à saúde do trabalhador no contexto local e oferecer suporte à economia informal no território. Além disso, se constituiu como espaço de reflexão e formação sobre a saúde do trabalhador no contexto da pandemia para estudantes universitários por meio da extensão em modalidade remota (GUEDES; CASTRO, 2020).

Construindo Caminhos Formativos Durante a Pandemia

comunicação (*off-line*) no mundo. Já o conjunto de atitudes, de práticas, de valores e de crenças sobre o fenômeno caracterizam a “cibercultura”, que se desenvolve em conjunto com o crescimento dos ciberespaços.

Santa Cruz é um município situado na Borborema Potiguar, distante 111 quilômetros de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ, 2013). Sua população, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 40.295 habitantes. Apenas 10,4% destes são ocupados e, praticamente a metade (49%) sobrevive com até meio salário mínimo. Quanto à economia, destaca-se que aproximadamente 92% de seu produto interno bruto gira em torno da prestação de serviços, setor fortemente impactado devido ao fechamento de diversos estabelecimentos em decorrência da pandemia (IBGE, 2021).

Considerando que a economia local é fortemente ligada à inserção de instituições de ensino na região, a suspensão das atividades frente à pandemia ocasionou mudança na rotina da cidade e das feiras livres, limitando significativamente a movimentação da economia.

Dentro desse contexto, o projeto teve como propósito: auxiliar na mobilização da economia local, envolvendo os pequenos comerciantes, produtores rurais e trabalhadores informais. Para isso, foi criada uma rede de colaboração para identificação, rastreamento, divulgação e monitoramento daqueles que tivessem interesse em participar e que não tivessem acesso a recursos de mídias para divulgação.

A trilha construída a partir dessa ação foi fundamentada em uma perspectiva metodológica Freiriana, orientada para a liberdade, autonomia e solidariedade entre as pessoas e, portanto, pautada na: dialogicidade, generosidade, reflexão e no poder transformador da educação (ALMEIDA, 2019; FONTANELLA; BITTENCOURT, 2017). Nesse sentido, o mapeamento dos trabalhadores inseridos nesse contexto e a construção de uma rede colaborativa foram norteadores estratégicos da ação, possibilitando a colaboração entre os participantes e viabilizando oportunidades para o desenvolvimento de um aprendizado solidário.

Desse modo, o trabalho de tecitura da rede estruturou-se em três etapas: 1) contato com agentes comunitários de saúde (ACS), e representações dos trabalhadores, organizações comunitárias e instituições (Sebrae, Emater etc), visando rastreamento e mapeamento nos territórios sob sua responsabilidade; 2) construção de articulações para mobilização e redes de apoio com outras entidades (rádio comunitária do município, redes sociais do projeto e outros representantes da comunidade); 3) produção colaborativa de materiais com uso de tecnologias educacionais para o suporte ao comércio local, com objetivo de problematizar questões relacionadas à saúde dos trabalhadores em geral e a continuidade do trabalho mediado por tecnologias no contexto da pandemia.

A equipe de trabalho foi composta por docentes do curso de fisioterapia e discentes dos cursos de graduação de fisioterapia, enfermagem e psicologia e uma discente do Programa de Pós-

Graduação em Saúde Coletiva. As reuniões ocorreram semanalmente para discutir as pautas e desencadear os processos de construção dos materiais de divulgação e educativos, que foram compostos por diversas mídias digitais, a saber: histórias em quadrinhos, podcasts, revistas e cartilhas. A divulgação das produções foi feita pelos membros da equipe por meio de grupos de mensagens, linhas de transmissão e por uma conta do projeto em rede social ([@redec colaborativa2020](#)), bem como pela rádio comunitária do município ([Rádio Comunitária Santa Rita](#)). Todo trabalho de produção e distribuição dos conteúdos e das mídias foi desenvolvido pelos membros da equipe de forma colaborativa.

O público-alvo alcançado pela ação foi composto por pessoas com pequenos comércios ou pequenos produtores rurais, além dos trabalhadores informais do município. Eram, portanto, trabalhadores afetados pelas medidas de isolamento e distanciamento físico e que não tiveram a sua disposição recursos de mídia robustos, para divulgar e promover seus comércios e serviços. A divisão em etapas se deu em concomitância pelos membros da equipe executora junto à comunidade local, não implicando ações estanques, dissociadas no tempo e espaço.

Alternativas Criativas de Educação em Tempos de Crise

“A criatividade é um recurso valioso de que dispomos e que necessita ser mais cultivado especialmente neste momento da história, em que a mudança e a incerteza parecem fazer parte inevitável de nossa vida.”

(ALENCAR, 1995)

Aceleradas transformações tecnológicas, somadas às mudanças políticas e culturais, constituem cenários de resistência e criatividade. Partimos desse entendimento para iniciar nossas reflexões acerca do tema em destaque. Streck (2013) afirma que a educação participa dessa política de espaço, seja para a manutenção dos espaços existentes ou para sua mudança. Compreendendo o cenário da educação como lugar permanente de debates e também como um fator decisivo para a sociedade, percebe-se que as práticas educativas inerentes às lutas do cotidiano passam a ser espaços formativos e pedagógicos, gerando novas formas de ensinar e aprender, sobretudo nos cenários considerados de crise.

Assim, repensando a urgente reorganização da educação no cenário de crise atual, frente à pandemia da COVID-19, Guizzo et. al. (2020) contribuem nas reflexões sobre o cenário da educação e a reinvenção do cotidiano no contexto de pandemia, seja na possibilidade de

repensar espaço e tempo inerentes aos cotidianos (geradores de ‘deslocamento’ do cotidiano às novas formas de relações sociais, bem como, na demanda de acionar novas práticas, ações e atitudes envolvendo o cenário educacional), ou envolvendo as desigualdades tecnológicas e de práticas das quais estamos inseridos. Logo, escolhemos repensar as dimensões que precisaram ser reinventadas com a pandemia e suas imposições, a partir da experiência vivenciada no cenário ao qual estamos inseridos, ou seja, as práticas educacionais envolvendo o tripé da formação universitária com ênfase nas ações de um projeto de extensão universitária, constituído nesse período pandêmico.

Ao se deparar com o contexto de pandemia, na construção do conhecimento coletivo e dialógico, percebeu-se a fragilidade dos processos de aprendizagem em virtude da expressividade unilateral enaltecida pela distância nos ambientes virtuais, pouco utilizados pré-pandemia. Desse modo, espaços fragmentados e pouco dialógicos começaram a se sobrepor aos aprendizados colaborativos e compartilhados. Tal realidade entra em confronto com o tipo de aprendizado significativo defendido por Freire. No entanto, a perspectiva proposta pela extensão universitária seguiu na “contramão” do fluxo de aprendizagem pandêmica (acelerado e pouco humanizado). Propôs experiências próximas das inquietações vivenciadas socialmente, buscando soluções coletivas a partir da reflexão crítica dos sujeitos. Dessa feita, o ‘deslocamento’ dos sujeitos envolvidos tornou-se componente essencial para oportunizar o processo criativo de aprendizagem, corroborando com a idéia de Paulo Freire (1991); Streck e Steban (2013), que defendem a ideia da “escola” como espaço de construção do saber, onde há um lugar de destaque para o aprendizado crítico, significativo, dialógico. Nesse cenário, o aluno tem a oportunidade de questionar-se para criar, e assim, relacionar os saberes do cotidiano ao saber científico, mediados pela experiência vivenciada.

Sabe-se que introduzir mudanças, sobretudo no contexto educacional vinculado a uma realidade social, não é algo simples, porque a resistência à mudança é algo frequente. Certamente, um grande desafio tem sido a partir de cenários de crise, desenvolver os processos criativos e de reinvenção do cotidiano, sobretudo quando se exigem mudanças que relacionam-se aos contextos em que se vive. Apesar dessas teorizações, Streck (2013, p.361) aponta que a resistência pode ser uma capacidade de colocar-se frente às dificuldades do cotidiano com uma atitude de esperança. E que atrelado aos movimentos de resistência, estão imbuídos os processos de criatividade para desenvolver estratégias, cuja resultante envolve os campos social, cultural, político, econômico e educacional.

Silva e Nakano (2012) apontam que há uma polêmica envolvendo a classificação da criatividade, situando-se na perspectiva limitante da percepção de que grandes diferenças podem ser notadas entre educadores que ‘acreditam que todos os indivíduos possuem um potencial criativo’ passível de ser desenvolvido e aqueles que acreditam que essa característica

é direcionada ‘a alguns poucos indivíduos excepcionais’. Contudo, alguns autores ressaltam que pesquisas sobre criatividade em ambientes educacionais são necessárias, haja vista que as habilidades do aluno não devem se restringir apenas ao papel do professor, mas precisam estar voltadas para a análise e para a intervenção, baseadas na realidade de ensino brasileiro, compreendendo que para se trabalhar a criatividade, deve-se operar no mínimo em três direções: ‘no desenvolvimento da criatividade dos alunos, da criatividade dos educadores e da criatividade como organização’ (ALENCAR, 1995, JOLY, 2001; MARTINEZ, 2002; SILVA; NAKANO, 2012).

Com novas práticas recriadas e compreendendo que as práticas cotidianas, nas ações e atividades de nossas ações não são apenas reproduzidas, mas também, criativamente inventadas, nos apropriamos da teorização de Certeau (1998) quanto ao princípio básico de dinamicidade na construção do cotidiano: por meio da relação mutuamente constitutiva entre estratégias e táticas. Os processos exigem adaptações e recriações aos novos modos de fazer, do qual podemos identificar os constructos de um processo criativo. Nessa perspectiva, o projeto de extensão Rede Colaborativa ao integrar educadores, educandos, sociedade e universidade foi se configurando enquanto rede e se desenvolvendo em seus processos educacionais emergentes de resistência e criatividade. Desse modo, algumas ações foram geradoras dos produtos expressos na ilustração supracitada e descritos no Quadro 1.

Quadro 1. Descrição das ações e produtos finais desenvolvidos

Produção Final		
Produto	Descrição	Acesso
INSTAGRAM	As postagens foram recursos criados com objetivo de compartilhar e dar visibilidade ao comércio local, formal e informal, fragilizado pelo contexto da pandemia. Os stories foram o recurso mais utilizado, por ser ágil e dinâmico nas redes sociais para divulgação.	Link:< https://www.instagram.com/redecolaborativa2020/ >.
PODCASTs	Os PodCasts foram materiais complementares, com ênfase em assuntos específicos relacionados à saúde do trabalhador e pandemia da COVID-19. Foi integrado a este recurso a criação de propagandas dos pequenos comércios, compartilhados nos grupos de Whatsapp, repositório institucional e anunciados na rádio local.	Link:< https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29308 >.
REVISTA DIGITAL	A Revista Digital Rede Colaborativa integrou falas de docentes e profissionais interessados no tema (saúde do trabalhador), apresentando textos específicos produzidos para a revista. Nas edições também foram integradas páginas de anúncios de comércio local e destaques no contexto da pandemia.	Link:< https://drive.google.com/drive/folders/1-6PIXItN9O2sTu7WHok53GFz8rSI8ukh?usp=sharing >.

CARTILHA	A Cartilha sobre o Trabalho Remoto na Pandemia foi pensada como produto final das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão. A partir das demandas que surgiram nesse período, o destaque central foi a problemática do trabalho remoto e da saúde mental dos trabalhadores nesse novo contexto, direcionando a escrita.	Link: < https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39565 >.
----------	---	--

Fonte: Produção Própria (2021)

A partir da **identificação dos problemas do cotidiano**, foi realizado o **Planejamento das ações**, seguidamente das **Estratégias e Táticas** para o desenvolvimento da **Produção Criativa** (figura 1). As produções foram subdivididas numa sequência de planejamento, por demanda e análise situacional, em que foram observadas que as maiores necessidades locais estavam relacionadas a: fragilidade na informação e uso de tecnologias para divulgar o comércio; manter as vendas à distância; anunciar os produtos; e disseminar informação sobre os cuidados por meios digitais de rápido acesso com possibilidade de compartilhamento.

AÇÕES DO PROJETO

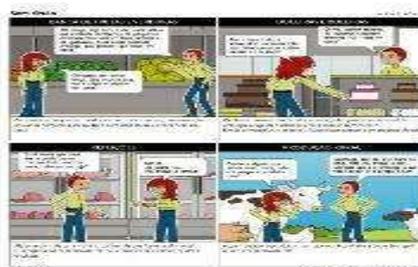
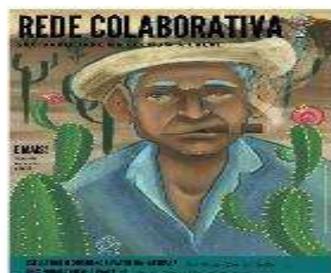


Figura 1: Ilustração dos direcionamento das ações desenvolvidas

Fonte: Autoria própria (2021)

A criatividade é um movimento complexo com várias ramificações, cujas ações podem ser resultante do constructo de aplicar idéias antigas numa nova perspectiva. Para Vieira e Maia (2018) a criatividade e inovação são faces de uma mesma moeda. Desse modo, percebemos que os produtos gerados foram frutos significativos, materializados com recursos já utilizados em outros cenários, mas adaptados como estratégias para novas situações, tornando-se vias alternativas de construção do conhecimento, tanto no âmbito social quanto acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 impôs desafios por mudanças em diversos aspectos de nossas vidas e no campo educacional, exigindo resistência e criatividade para manter os processos formativos, apesar da necessidade da manutenção do isolamento/distanciamento físico. Essa nova dinâmica impulsionou a busca de outras alternativas, que assegurassem a manutenção da formação dos estudantes na dimensão da extensão universitária e, ao mesmo tempo, oportunizassem o vínculo da universidade com a sociedade através do apoio aos pequenos comerciantes e trabalhadores informais em uma fase crítica. Os caminhos trilhados pelo projeto não foram lineares e de curvas suaves. Pelo contrário, percalços e perdas permearam o desenvolvimento da ação relatada: dificuldades estruturais em termos de hardware e acesso a internet de qualidade em uma cidade do interior do nordeste; novas tecnologias a serem incorporadas de maneira urgente; adoecimento e perda de pessoas próximas.

No entanto, resiliência, solidariedade e colaboração foram mecanismos que tornaram o espaço oportuno para um aprendizado dentro de um padrão de qualidade adequado à realidade local e situacional, em termos de contextos sócio-históricos e cumprimento do papel social de uma universidade pública inserida no interior do estado.

Por fim, esse relato de experiência aponta caminhos possíveis para uma formação remota, com potencialidades e limitações, mas que, sobretudo, não propõe a substituição da formação presencial como princípio norteador de uma formação em saúde de qualidade. Compreendemos, pois, que essa experiência aponta alternativas e vivências exitosas, que podem servir de ponto de partida para outras ações em caráter complementar ao presencial, em cenários de crise.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Lima Soriano de. Desenvolvendo a criatividade nas organizações o desafio da inovação. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 6, p. 6-11 Nov./Dez. 1995.

ALMEIDA, Tainá. Princípios freireanos para a formação de um professor de línguas libertador. **Fólio - Revista de Letras**, v. 11, n. 1, 25 Aug. 2019.

ARTUSO, Alysson Ramos. Tecnologias na educação - uma perspectiva de debate. **Revista Teias**, [s. l.], v. 9, n. 18, p. 124-134, 2008. DOI: 10.12957/teias. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24051/17020>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BALDO, Ana Paula Vendruscolo. **Uso de tecnologias digitais: relato de experiência do uso de aplicativo móvel como auxílio no processo ensino e aprendizagem de anatomia humana**. 2017. Artigo (Especialização) – Curso de Docência na Educação Profissional, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 18 dez. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/2029>.

BERGMANN, Helenice Maria Barcellos. Ciberespaço e cibercultura: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. **Revista Iberoamericana de Educación**, [s. l.], v. 43, ed. 7, p. 1-6, 2007. DOI <https://doi.org/10.35362/rie4372290>. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2290>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CERTEAU, Michel de. **Invenções do cotidiano: artes do fazer**. Vol. 1. Editora Vozes, 22º ed., 2014.

CHESANI, Fabiola Hermes; WACHHOLZ, Luana Bertamoni; OLIVEIRA, Márcia Aparecida Miranda; SILVA, Caroline; LUZ, Maria Eduarda; FABRIS, Francielly Alexandre; ENGEL, Bruna. A indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa: o tripé da Universidade. **Revista Conexão UEPG**, v. 13, ed. 3, p. 452-461, 2017. DOI 10.5212/Rev.Conexao.v.13.i3.0008. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao>. Acesso em: 13 dez. 2021.

FONTANELLA, Taciana Cristina; BITTENCOURT, Ricardo Luiz de. Princípios Freireanos Orientadores Na Política de Desenvolvimento Profissional. **Rheumatology Science and Practice**, v. 2, n. 1, p. 204, 8 Dec. 2017.

GUEDES, Dimitri Taurino; CASTRO, Kamilla Maria Sousa de. **Projeto de Extensão Saúde Do Trabalhador Em Tempos de Covid-19: Educação Popular e Rede Colaborativa Para Economia Local**. Disponível em: <https://sigaa.ufrn.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/91815052>>. Acesso em: 8 dec. 2021.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MULLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e238077, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ybM6TZ8MvPmdLN8HzqgFZKS/?lang=pt>>. Acesso em: 23.Dez.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades.Ibge.Gov.Br/Santacruz**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/santa-cruz/pesquisa/38/46996>>. Acesso em: 8 dec. 2021.

JACINSKI, Edson; FARACO, Carlos Alberto. Tecnologias na educação: uma solução ou um problema pedagógico?. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 49-56, 2002. DOI <http://dx.doi.org/10.5753/rbie.2002.10.2>.. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/2221/1984>. Acesso em: 13 dez. 2021.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. A criatividade verbal e sua importância nos ambientes educacionais. **Psicologia escolar e educacional**, v. 5, n. 2, p. 11-20, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/VCDtCx6CDccbP8rZKCb7bcz/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2021.

HESS, Luciane Weber Baia; ASSIS, Roberto Magalhães Nunes; VIANA, Helena Brandão. Inserção das tecnologias digitais na prática docente. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 5, ed. 2, p. 119-127, 2019. DOI <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201952600>. Disponível em: <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/454>. Acesso em: 13 dez. 2021.

NASCIMENTO, Francisco Paulo; CARNIELLI, Beatrice Laura. Educação a distância no ensino superior: expansão com qualidade?. **ETD - Educação Temática Digital**, [s. l.], v. 9, ed. 1, p. 84-98, 2007. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-73228>. Acesso em: 13 dez. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ. **Geografia**. Disponível em: <http://www.santacruz.rn.gov.br/site/index.php/santa-cruz-2/geografia>. Acesso em: 9 dec. 2021.

SANTANA, Camila Lima Santana; SALES, Khatia Marise Borges. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. DOI <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p75-92>. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 13 dez. 2021.

SILVA, Talita Fernanda da; NAKANO, Tatiana de Cássia. Criatividade no contexto educacional: análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área da psicologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 743-759, jul./set. 2012.

SILVEIRA, Daniel da Silva Silveira; LAURINO, Débora Pereira; NOVELLO, Tanise Paula. Experiências do ensinar e do aprender matemática ao operar as tecnologias digitais na educação superior. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, [s. l.], v. 12, ed. 2, p. 67-81, 2018. DOI <https://doi.org/10.5007/1981-1322.2017v12n2p67>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2017v12n2p67>. Acesso em: 13 dez. 2021.

STRECK, Danilo R. **Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular**. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Tereza. (Org.). Educação popular: lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 356-368.

STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Tereza. **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

VIEIRA, Camila Nagem Marques; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Criatividade e educação: possibilidades de um campo de pesquisa. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 25, n. 4, out./dez. 2018.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.